

Índice

O fracasso da Primavera Árabe	1
O Ocidente desarmado perante a retórica jihadista	3

O fracasso da Primavera Árabe

Cinco anos depois das revoltas da Primavera Árabe, o balanço daqueles acontecimentos é pouco encorajador. Alguns viram-nos como a antecâmara do caos, outros como um efeito em cascata que percorria o mundo árabe e varria os regimes tirânicos, no poder há décadas, do mesmo modo que as revoluções de 1989 tinham derrubado os regimes comunistas do leste da Europa.

Mas a história não é só o relato dos grandes acontecimentos políticos ou militares. Está também entrelaçada pela crónica das vidas de homens e mulheres que são afetados por esses acontecimentos. O jornalista Robert F. Worth, com a experiência de catorze anos de correspondente no Médio Oriente do "The New York Times", conheceu de perto algumas dessas vidas concretas, aparentemente pouco importantes, mas marcadas pelos acontecimentos da denominada Primavera Árabe. Plasmou as suas vivências no livro "A Rage for Order: The Middle East in Turmoil from Tahrir Square to ISIS" (Farrar, Strauss & Giroux, Nova Iorque, 2016), que não é uma crónica de viagens, mas uma apaixonante síntese entre o jornalismo, a literatura e a história.

Worth é testemunha em primeira mão de que os árabes têm as mesmas aspirações à liberdade que as pessoas de outras culturas e latitudes. Assim o viu e viveu nas suas estadias na Tunísia, Líbia, Egito, Síria e Iémen; mas, ao mesmo tempo, foi testemunha do fracasso e da frustração dos que encheram praças e ruas para desafiar os regimes tirânicos.

Daí que o seu livro se divida em duas partes diferenciadas. Uma primeira, com o ambiente nas revoluções de 2011 e o seu efeito contagioso de um país para outro, e uma segunda que é a constatação do quase desmoronar das esperanças, afogadas por lutas civis e sectárias. A cólera popular explodiu na busca de uma nova ordem, mais justa e democrática, mas agora, entre as ruínas do caos, ignora-se como será o futuro.

A poesia da revolução no Egito

O autor consegue recriar magistralmente os dias que precederam no Cairo, na já mítica praça Tahrir, a queda do regime de Hosni Mubarak. O Egito parecia renascer na história, após milénios de autocracia, com uma revolta popular, na qual tiveram um papel destacado as redes sociais, que juntou os diversos credos religiosos e políticos, e na qual adquiriram notória visibilidade os jovens e as mulheres.

Os factos eram a demonstração palpável de que nem a república de Gamal Abdel Nasser, nem muito menos os governos dos seus sucessores, tinham conseguido trazer liberdade e dignidade para os egípcios, apesar de todos os discursos igualitaristas. Os que ocupavam a praça Tahrir estavam fartos da corrupção e de que nas repúblicas árabes como o Egito, embora também na Líbia e na Síria, se tivesse implantado *de facto* um sistema político hereditário.

Worth presenciou um movimento popular, que tinha muito de poesia e idealismo na busca da dignidade. A revolução unia o povo de diversos estratos sociais, que tinha perdido o respeito pelo governante, e já não o encarava como o experiente guia

do país, mas como um velho louco e ridículo. Triunfou, na altura, a ilusão de que todos “os cidadãos tinham bons propósitos” e que a revolução iria tornar todos melhores pessoas. O jornalista norte-americano ficou fascinado pelos lemas cantados pela multidão, pelas ilusões plasmadas nos seus rostos, pois até essa altura havia acreditado na opinião que assemelhava os egípcios a hipopótamos que levantavam por um instante a cabeça para olhar em seu redor, mas passado pouco tempo submergiam-se invariavelmente no lodo do Nilo.

Todavia, as vitórias dos Irmãos Muçulmanos nas eleições parlamentares e presidenciais de 2012 não foram um novo começo da história democrática do Egito. A sociedade estava dividida, e o islamista Mohamed Morsi obteve apenas 3 % de vantagem sobre o seu rival quando ganhou a presidência. Segundo Worth, o seu grande erro seria idêntico ao do autocrata Mubarak: confundir os seus próprios seguidores com o conjunto de todos os egípcios.

Liberais e defensores do antigo regime uniram-se contra os islamistas, e chamaram em seu apoio os militares, o que conduziu ao golpe de Estado do marechal Abdel Fattah al-Sisi em julho de 2013. Uma multidão aclamou-o na praça Tahrir, o que pareceu confirmar que uma grande maioria de egípcios continuava a preferir a opção do “homem forte” que os libertasse do caos, e não faltariam tão-pouco as comparações com Nasser. Com Sisi na presidência, o Egito encetou uma fuga para a frente, com um inimigo identificado, os Irmãos Muçulmanos, que foram assimilados aos terroristas. Os liberais distanciaram-se de Sisi ou exilaram-se, ao mesmo tempo que a situação económica e social egípcia não melhora, apesar da pompa que inaugurou a ampliação do canal de Suez, nova fonte de rendimentos para um Estado em apuros.

Vinganças na Líbia

A queda do regime de Kadhafi, com mais de quatro décadas no poder, deu lugar a uma série de vinganças contra defensores do líder, em especial os que tinham encabeçado o aparelho repressivo, algo explicável, pois o país nunca conheceu o Estado de Direito. No fundo, não deixava de ser um território artificial, formado por três entidades, Tripolitânia, Cirenaica e Fezão, que só se unificaram durante o período colonial italiano.

Worth pôde descobrir a verdadeira natureza da Líbia, escondida por detrás do culto da personalidade de Kadhafi. Por detrás do sonho igualitário do Livro Verde do líder líbio e da Jamahiriya, a república de massas, houve só uma transferência de privilégios para os membros dos comités revolucionários. O autor do livro não se engana ao afirmar que a Líbia foi uma criação de Kadhafi e que ele próprio contribuiu para a sua destruição. As revoltas foram, sobretudo, a nível local, e num primeiro momento não foi possível visibilizar nenhum grupo político ou religioso que aglutinasse os rebeldes.

Mas nem todos os rebeldes se deixaram levar por sentimentos de vingança. Worth relata a história de um comandante de uma brigada rebelde, Nasser, que capturou Marwan, o assassino de seu irmão. Marwan desculpou-se argumentando a obediência devida aos superiores e que se ele não o tivesse feito, fá-lo-iam outros. Nasser não se vingou porque quer um país submetido a leis, mas chamou à sua presença os familiares de Marwan e relatou-lhes o sucedido. A surpreendente reação destes foi abraçá-lo. Contudo, uma história deste tipo foi mais a exceção do que a regra geral num país que ainda não pôs fim ao caos criado pela queda do regime de Kadhafi.

Síria, cenário da Guerra Fria islâmica

Worth relata-nos que a história moderna da Síria tem sido marcada pelo poder dos alauitas, uma minoria religiosa aparentada com o xiismo, e aos que os sunitas, que são maioritários, sempre consideraram traidores, acusando-os de colaborar com o colonialismo francês. As origens da rebelião contra o clã dos Assad em 2011 não eram, pelo contrário, sectárias, mas progressivamente adquiriram esse perfil, e os interesses estratégicos da Arábia Saudita e do Irão, representantes da atual guerra fria no mundo islâmico, contribuíram para que a situação se degradasse com a atual onda de mortes, destruições e refugiados.

Mas, sem dúvida, o pior dos efeitos foi o aparecimento do Estado Islâmico e do seu líder Abu Bakr al-Baghdadi, o autoproclamado califa Ibrahim. O feroz entusiasmo dos seus jovens partidários, homens e mulheres, chegados de diversos países, fica bem plasmado nas páginas do livro, em que uma mulher, Ahlam al-Nasr, escreve poemas entusiastas *on line* a cantar a vitória do Estado Islâmico, e um jovem, Abu Ali, recusa combater quando o encorajam a colocar um cinto de explosivos como via segura para alcançar el paraíso.

O autor concorda com alguns analistas norte-americanos em que o Estado Islâmico pode demorar décadas a ser erradicado, pois a sua força não reside no plano puramente militar: é um atrativo para jovens muçulmanos de todo o mundo, inadaptados e frustrados.

Dois contrastes: lémen e Tunísia

A Primavera Árabe também chegou ao lémen e desencadeou revoltas contra a prolongada ditadura de Ali Abdullah Saleh. O país não se modernizou, embora a monarquia feudal tenha sido derrubada em 1962, e a república de Saleh serviu unicamente para aumentar as piores características do sistema tribal. Hoje pode ainda dizer-se que no lémen o Estado atua

como uma tribo e a tribo age como um Estado. Não obstante, Saleh teria de abandonar o poder, mesmo que apenas para tentar recuperá-lo com a ajuda dos houthis, pertencentes ao credo xiita (ramo zaidita) e que noutra tempo foram seus inimigos. O resultado foi uma guerra de interposição entre sauditas e iranianos, embora com os traços externos de uma luta sectária.

O contraste com o lémen é proporcionado pela Tunísia, abordado no último capítulo do livro. A revolução que derrubou o presidente Zine El Abidine Ben Ali em 2011 permitiu eleições livres que foram ganhas, com 41 % dos sufrágios, pelo partido islamista Ennahda de Rached Ghannouchi, próximo dos Irmãos Muçulmanos, embora muito mais liberal. Certamente, os islamistas não representavam todos os tunisinos e estavam profundamente divididos, e a tensão subiu quando islamistas radicais fizeram atentados contra alguns líderes de esquerda.

Apesar de tudo, Ghannouchi teve uma largueza de vistas de modo a não levar o país para uma guerra civil. Neste sentido, Worth apresenta em pormenor as negociações de Paris entre o político islamista e Béji Caïd Essebsi, um octogenário ex-ministro do antigo regime, que se converteria em presidente da república com o apoio do próprio Ghannouchi. Até ao momento, e apesar dos golpes de um terrorismo que pretende afugentar o turismo, a Tunísia é o exemplo mais conseguido de reconciliação política saído da Primavera Árabe.

Ilusões e comparações históricas

O livro de Robert F. Worth é uma crónica de ilusões e frustrações, uma leitura muito recomendável para entender a atual situação do Médio Oriente. No fundo, a Primavera Árabe não deixou de ser um *slogan* jornalístico, e em grande parte político. Era uma referência bem-intencionada a factos históricos como a Primavera dos Povos das revoluções europeias de 1848, posteriormente comparadas com aquelas que puseram fim aos regimes comunistas em 1989.

O pior é não ter havido transições democráticas, excetuando o caso da Tunísia, mas, no pior dos casos, conflitos civis e confrontos sectários, ainda não finalizados, como na Líbia, lémen e Síria, ou um retorno ao autoritarismo, como no Egito. Mas, os amigos das comparações históricas, especialmente norte-americanos, consideram um Médio Oriente imerso numa espécie de guerra sectária dos Trinta Anos, desta vez entre sunitas e xiitas. A única coisa que não preveem é quando terminará e se se irá recompor o mapa da região através de um sistema de Westfália baseado no equilíbrio de forças.

A. R. R.

O Ocidente desarmado perante a retórica jihadista

“Palabras armadas”

“Paroles armées”

Autor: Philippe-Joseph Salazar

Anagrama. Barcelona (2016).

242 págs.

Tradução (castelhano):

Ignacio Vidal-Foch.

O filósofo francês Philippe-Joseph Salazar é um discípulo de Jacques Derrida e, portanto, um especialista na desconstrução, neste caso do discurso do Daesh. A maior parte do seu livro é dedicada a uma árdua tarefa: que os Estados e as opiniões públicas ocidentais conheçam melhor um inimigo com objetivos bem definidos.

Salazar é um especialista em retórica, pois nos seus artigos e livros costuma examinar a linguagem dos políticos, e soube dissecar magistralmente um adversário tão retórico como o Daesh. O estilo da oratória árabe, cheia de simbolismos, analogias e grandiloquências, casa mal, no entanto, com o racionalismo triunfante no Ocidente com o Iluminismo, e poderíamos acrescentar que se torna mais incompreensível perante as abordagens pós-modernas. O facto de ter aparecido um califado em julho de 2014, dotado de um território e de dezenas de milhares de partidários, soa estranho aos meios de comunicação ocidentais, que procuram desqualificar o facto, reduzindo-o às categorias da extravagância, da loucura ou da barbárie. Pelo contrário, Salazar assegura que, mesmo que um drone mate um dia o califa, o califado continuará a existir.

Outra das contradições apontadas pelo autor é a existente entre o discurso político de que nos encontramos em guerra e as respostas policiais e judiciais, que são muito mais comedidas. Assegura que o terrorismo jihadista é a expressão de um contínuo chamamento ao combate; no entanto, o Estado francês é incapaz de efetuar uma mobilização geral dos espíritos, tal como fez De Gaulle no seu famoso apelo de 1940, nem emprega tão-pouco os termos “traição” nem “indignação nacional”, que utilizavam os revolucionários de 1789 ou os resistentes contra a ocupação alemã, para referir-se aos franceses aderentes ao Daesh. Como se fosse pouco, os Estados ocidentais têm muito pudor para não mostrarem abertamente as atrocidades cometidas pelos jihadistas, que Salazar classifica de “pornopolítica”, ou caem no argumento habitual da exclusão social ou numa simples medicalização do problema ao abordar o tema dos jovens capturados pelo Daesh. E a verdade é que o Ocidente, que afastou da vida

político-social os conceitos do mal e do sacrifício, vê-os introduzidos novamente na esfera pública pela ação dos jihadistas.

Salazar estudou a fundo o Daesh e relacionou-o com o "terrorismo-fraternidade" de Jean-Paul Sartre, a teoria da guerrilha de Carl Schmitt ou a guerra política do marxismo-leninismo. O califado é uma forma de hostilidade radical universal, que não respeita nenhum tipo de regras, ao rejeitar tanto a linguagem como os códigos políticos ocidentais. Perante esta situação, que não vai desaparecer da noite para o dia, que propõe o autor de um livro premiado com o Prix Bristol des Lumières? Utilizar as armas do Iluminismo, manejar uma retórica comparável à implantada pelo Daesh, sem deixar de fazer uso da força contra os jihadistas. Em última análise, a tese do livro é que os jihadistas sabem utilizar as palavras como armas, mas o atual Ocidente não tem essa qualidade. Contudo, talvez o autêntico problema, não exposto por Salazar, seja que as armas do Iluminismo na França republicana, tão atacada pelo jihadismo, podem esconder um discurso vazio, no qual a retórica careça de autênticos conteúdos.

A. R. R.

